



Fábio Yukishigue, 36 anos, produtor de morangos em Brazlândia, tem dívidas, mas diz que prefere passar necessidade no campo junto ao canto dos passarinhos

Um morango nissei em Brazlândia

A 40 quilômetros do Plano Piloto, em Brazlândia, vive Fábio Yukishigue Harada, 36 anos, um agricultor que tem o perfil de quem produz em Brasília nos tempos do Real. Enfrenta dificuldades financeiras, mas não desiste do trabalho na lavoura.

Ele é um entre os 834 produtores endividados por conta de empréstimos junto ao Fundo Constitucional do Centro Oeste (FCO), gerido pelo Banco do Brasil. Pior: está prestes a se incorporar ao grupo de 11% dos que não conseguem pagar as parcelas do financiamento. Fábio Harada também é um entre as 321 pessoas que montaram em suas chácaras uma agroindústria

para diversificar a produção e tentar sair do *vermelho*.

Apesar das adversidades, ele engrossa o volume de exportação do Distrito Federal, vendendo o morango que produz para os estados de Goiás e Rondônia. Na última safra, Harada colheu 70 toneladas da hortaliça — ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, morango não é fruta — e comercializou 90% desse total fora do Distrito Federal.

É numa chácara de 30 hectares que Harada planta o morango que aprendeu a cultivar ainda criança no município paulista de Atibaia (SP). Cansado de ver parte de sua produção se perder depois de agosto, quando despenca o preço do

morango, o economista que optou pela vocação de agricultor — uma herança do pai — decidiu montar uma agroindústria.

Investiu aproximadamente R\$ 200 mil, recursos do FCO, antes do Plano Real. Naquela época, os juros eram altos, mas o preço do produto acompanhava o galope da inflação. Com a estabilidade econômica, a partir de julho de 1994, os juros continuaram altos, mas o valor das hortaliças foi mantido no mesmo patamar. Em alguns casos, o preço chegou a baixar.

O morango está longe de ser um símbolo da nova moeda — como o frango ou o iogurte —, mas tornou-se mais acessível. A caixinha que an-

tes custava R\$ 3, agora pode ser comprada por R\$ 1. Nesse mesmo período, segundo as contas de Harada, o saco de adubo dobrou de preço. De R\$ 8 saltou para R\$ 16.

Ele tenta amortizar o impacto com a produção da agroindústria de polpa de frutas. São 14 variedades, entre elas o morango que não é comercializado. “Com a agroindústria, eu consigo ganhar 25% a mais do que se vendesse apenas o morango”, explica Harada.

Harada ainda não conseguiu equilibrar as finanças, mas não se arrepende da vida que escolheu. “Se é para passar necessidade, que seja por aqui, onde escuto o canto dos passarinhos.”